

A ideologia na Biblioteconomia: uma reflexão*

Ideology in Library Science: some considerations

IARA FERREIRA DE MACEDO **

Reflexão da influência da ideologia dominante na Biblioteconomia e esforço do profissional para inverter esta situação, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da Biblioteconomia como ciência. Importância da atuação da biblioteca e do papel do bibliotecário como agentes socializadores e veiculadores do conhecimento para a sociedade, como também transformadores de uma realidade injusta e imposta.

1. INTRODUÇÃO

Parece de relevante importância indagar-se, nessa oportunidade, qual o compromisso maior do bibliotecário na sociedade.

Falar sobre «ideologia e biblioteconomia» é uma alta pretensão, mas que é feito com a intenção de avaliar até que ponto a Biblioteconomia encobre ou não alguma ideologia.

* Monografia elaborada para a disciplina Metodologia da Pesquisa, do Curso de Especialização em Administração de Sistemas de Bibliotecas da UFRGS.

** Bibliotecária da Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS.

Tanto um tema como outro são inesgotáveis, pois não se pode falar de ideologia em geral, nem de biblioteconomia em geral. Apenas, delimitar-se-á alguns campos, sem pretender com isto esgotar a questão, nem mesmo tratá-la de modo suficientemente detalhado.

Em princípio já se pode admitir que o papel do profissional de Biblioteconomia e o da própria Biblioteconomia estão, essencialmente, voltados para a mudança. Mas, questiona-se que tipo de mudança, em que direção se processar e que maneira atuar para libertar-se da ideologia dominante. Cabe perguntar até que ponto esta profissão tem autonomia para cumprir o seu verdadeiro papel. Esta indagação implica em tentar-se conceituar ideologia, para se poder tê-la como aliada na atuação do bibliotecário como agente socializador.

Um rápido exame dos papéis gerais da biblioteca e do bibliotecário pode viabilizar a exposição da relação desta com o desenvolvimento científico da ideologia, não como controladora da política biblioteconômica, mas sim, como ferramenta a seu serviço e dos objetivos reais da Biblioteconomia como ciência, ou seja, elemento socializador e integrador a serviço da comunidade.

2. IDEOLOGIA: **breve conceituação**

A primeira exigência que coloca-se frente ao estudo do tema proposto, é a de um posicionamento teórico face ao conceito de ideologia.

Segundo Bunge (1980) uma ideologia é um conjunto de idéias mais ou menos coerentes, mas não necessariamente verdadeiras, sobre a realidade ou uma parte dela. Diz ele, ainda, toda sociedade humana possui uma cultura e toda cultura tem uma ideologia, ou melhor, um conjunto de ideologias paralelas. Assim, um de seus usos mais correntes é o de entendê-la como sistema de

idéias, valores e representações. É como se se pudesse abstrair da relação social o seu significado, pensando apenas a materialidade da relação social, e considerar o significado como imaterial. Com isto, quer se dizer, que quando se fala ideologia, pretende-se em geral estar qualificando o sistema de idéias como distorcido, falso e ilusório. A ideologia é distorcida, falsa e ilusória em relação ao real. Nesta mesma visão opõe-se, por um lado, verdade à ideologia e, por outro lado, ciência à ideologia. De um lado, o real, a verdade e a ciência, de outro, a ideologia.

Esta é uma concepção negativa da Ideologia, que baseia-se na influência positiva e/ou negativa que a Ideologia exerce na política, na cultura e na sociedade em geral, ou seja, na Ideologia dos dominantes e dos dominados.

Em «A Ideologia Alemã» de Marx, ideologia é conceituada como um processo de inversão de posições quanto à determinação real: ao invés de as relações sociais aparecerem como determinantes das idéias e representações, as idéias aparecem autonomizadas e como tal determinantes das relações sociais.

Ainda em «A Ideologia Alemã», tem-se:

«As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo força espiritual. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam. Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem

também como pensadores, como produtores de idéias; que regulem a produção e distribuição das idéias de seu tempo e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época».

«A ideologia é, antes de tudo, um sistema de representações. Mas essas representações, na maior parte das vezes, nada têm a ver com a consciência; elas são na maior parte das vezes imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas se impõem à imensa maioria dos homens, sem passar para a sua consciência». (Althusser, 1980).

Visto alguns conceitos, será utilizado aqui, o conceito de ideologia da Prof^a Marilena Chauí, ou seja, ideologia enquanto «ocultamento da realidade social». A ideologia consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias). (Chauí, 1984). Com base neste conceito, pode-se ver, que a classe dominante cria uma ideologia, ou seja, um corpo de idéias para se manter no controle da sociedade. Estas idéias justificam a dominação e esta aparece como algo muito natural. Esta dominação se dá sem coerção na grande maioria dos casos e o uso da força física só se dá nos casos mais extremos.

Assim, a ideologia nasce da própria realidade, mas mostra-se de maneira invertida. Ela está presente em todos os setores da cultura (leis, escola, literatura, religião, meios de comunicação, etc).

Esta situação não é característica dos nossos dias. Ela tem origens históricas. Porém, chega-se aos dias atuais munidos de dois grandes instrumentos de leitura do discurso ideológico: A Psicanálise e o trabalho dos lingüistas.

3. IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA E DO BIBLIOTECÁRIO

3.1 Atuação das Bibliotecas

Um país em desenvolvimento como o Brasil, que assiste a uma séria transformação político-social, econômica, técnico-científica, necessita, preeminentemente, de uma infra-estrutura cultural e conseqüentemente de uma política de informação da Biblioteca e de Documentação que reconheça nossa própria cultura emergente e que, fundamente-se na dinâmica dos valores culturais em germinação na comunidade.

Para atingir-se esse objetivo, é primordial que os profissionais ligados a área da informação sintam a necessidade e a responsabilidade social à que está vinculada esta proposta.

Portanto, pergunta-se: Qual a missão da biblioteca num país de dimensões continentais e de desnivelamentos tão violentos como o nosso? A resposta é delicada e provisória, devido ao caráter da biblioteca como um fenômeno histórico em regime de mútua e constante interação com o ambiente e pela ligação ideológica de toda instituição com àqueles que a organizam, que criam e que emprestam à ela sua personalidade. A biblioteca é, assim, um organismo vivo e único, não havendo duas bibliotecas iguais.

A biblioteca é uma instituição social. Para atingir sua finalidade precisa refletir a sociedade da qual faz parte, evoluindo de acordo com o seu progresso e as suas necessidades.

Vista desta perspectiva, a biblioteca converte-se em veículo de integração nacional e a leitura, um forte instrumento para a nossa independência cultural.

«Se o subdesenvolvimento é causado pela falta de informação — país rico é aquele que gerou ou absorveu

a informação que necessitava para o próprio desenvolvimento e dedica parte desses conhecimentos para a exportação e a manutenção de seus privilégios — e se aceitamos o fato de que o homem está, cada vez mais só na multidão, a biblioteca daria ao indivíduo a oportunidade de se informar, de se instruir, e de se distrair». (Miranda, 1978).

A biblioteca precisa perder a sua imagem de instituição que está a serviço somente das classes dominantes, de mudar sua postura estática de espera do usuário e ir até eles, especialmente dos despreparados e impossibilitados, mostrar-lhes a riqueza e o prazer da leitura, preparando-lhes para atuar como força transformadora da realidade que lhe é imposta.

3.2 — Papel do Bibliotecário

Com base no exposto acima, em que se afirma ser a biblioteca uma instituição eminentemente social, o bibliotecário, conseqüentemente, tem sua parcela de responsabilidade e competência no desenvolvimento do país, devendo representar uma função específica em uma organização social. Ele tem, pois, uma importante função social a cumprir junto à comunidade em que está inserido. O bibliotecário tem o relevante papel de alertar as autoridades para a importância da biblioteca como centro provedor de informação, cultura, educação e lazer para a comunidade. Como também, de engajar-se na luta para a melhoria da situação cultural brasileira.

«É com espírito de socialização que o bibliotecário desempenhará o seu papel de agente social. Parece necessário, assim, desenvolver conhecimentos, atitudes e padrões de ação no bibliotecário para que desempenhe suas funções e obrigações como elemento capaz de incrementar e executar as atividades aqui referidas junto

à comunidade, especialmente aos segmentos mais carentes de assistência neste setor». (Araújo, 1985).

Compete, assim, ao bibliotecário, além de realizar um trabalho técnico altamente qualificado através de planejamento administrativo e de programas culturais; fomentar a cooperação e o intercâmbio entre bibliotecas, entre os próprios profissionais da área, bem como com outras instituições interessadas; exercer o trabalho de equipe, compartilhando com os bibliotecários e outros profissionais o caráter interdisciplinar e sistêmico da profissão; contribuir para o treino da compreensão da leitura e para o gosto da leitura; colaborar no planejamento e na avaliação do processo ensino-aprendizagem; enfim, ser um agente da educação para a comunidade e um agente político e atuante que contribua para o rompimento dos mecanismos da ideologia dominante para com a informação.

4. A RELAÇÃO IDEOLOGIA X BIBLIOTECONOMIA

É indiscutível que já não passa despercebido a nenhum brasileiro a forma desigual e injusta de como os bens econômicos e sociais são distribuídos pelos diversos estratos, classes e grupos sociais na atual sociedade brasileira. Não se pode conceber mudança, se não for voltada para superar a concentração dos privilégios de uma minoria, que têm como contrapartida a pobreza da grande maioria. Ingênua ou maliciosamente, pergunta-se o que o bibliotecário ou a biblioteconomia tem a ver com isso? Não é suficiente ao bibliotecário sistematizar e organizar os conhecimentos e colocá-los à disposição do público? Por que esperar do bibliotecário um desempenho que extrapole a sua área de competência técnica? Atrás dessas indagações, esconde-se toda uma ideologia que visa manter o profissional de Bibliotecon-

nomia como instrumento de manutenção do «status quo». Para essa ideologia, basta, apenas que o bibliotecário desempenhe o que manda o código de ética e valores que servem única e exclusivamente à manutenção dos privilégios de alguns à custa da opressão sobre muitos. Essa ideologia, que usa os bibliotecários e outros profissionais a seu serviço, costuma criar alguns mitos para assegurar a idolatria aos seus valores. Assim, o que conta é a competência, a eficácia, a competição. Basta. Assim, quando disserem que é preciso ser eficientes, pergunte-se para que e para servir a quem. Isto é necessário para que coloque-se em nossa frente a perspectiva da sociedade e do ambiente social no qual integre-se como profissional. O bibliotecário deve propor-se ser veiculador de um elemento vital de desenvolvimento, que é exatamente o conhecimento, considerando-se que este tanto pode libertar como escravizar.

«A única política cultural coerente com o caráter sistêmico e universal da Ciência e da Técnica e com a multidimensionalidade do desenvolvimento autêntico, é o universalismo cultural, que faz uso da interdependência cultural em proveito do desenvolvimento nacional. Esta política reconhece que, mesmo que o progresso científico não acarrete automaticamente o progresso econômico e político, ele o ajuda e, além disso, contribui para a resolução de um dos grandes problemas nacionais: o subdesenvolvimento cultural». (Bunge, 1980).

Sendo assim, o conhecimento transferido ao homem como coisa acabada, definitiva e verdade inquestionável são alienantes e esterilizadores da criatividade e, por isso, escraviza ao invés de libertar.

Por conseguinte, a nossa atuação profissional jamais pode ser politicamente neutra.

Bunge analisa a ideologia de uma maneira clara e objetiva, nele encontra-se o caminho mais esclarecedor para a nossa indagação, ou seja, a influência da ideologia na Biblioteconomia. Diz ele, uma vez que a Ideologia ocupa um lugar de destaque na sociedade, ela influi não só sobre a política, como também sobre o resto da cultura. A influência sobre esta última consiste, principalmente, na estimulação ou inibição, de acordo com o caso, de determinados setores da cultura ou de determinadas linhas de indagação.

Sabe-se quão importante é a liberdade da troca de informações científicas e da livre expressão dos pensamentos para o desenvolvimento da ciência. Sabe-se, também, que a política científica atrelada ao Estado, impede o crescimento cultural. Sendo a Biblioteconomia dependente da política científico-cultural do Estado, por ter como objeto de trabalho a informação e pelo potencial do bibliotecário de poder manipular e ser um veiculador da mesma, o dirigismo científico prejudica a atuação desse profissional, e ao mesmo tempo, favorece a alienação dos profissionais, não permitindo o aparecimento de sistemas científicos autênticos e o surgimento de pesquisadores que venham contribuir para o crescimento da Biblioteconomia como ciência.

«... ainda que a Ideologia não seja criadora e sim consumidora, ela tanto pode inspirar a pesquisa científica quanto dificultá-la. Por causa disso não convém aos interesses da ciência social continuar insistindo numa possível neutralidade ideológica. A neutralidade ideológica quando diz respeito a problemas sociais não passa de um subterfúgio político. Não se deve desprezar a existência da interdependência entre a ciência social e a ideologia e sim lutar para submeter a Ideologia ao controle da Ciência»... (Bunge, 1980).

5. CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi contribuir com uma sugestão alternativa do trabalho biblioteconômico para sair do círculo vicioso da reprodução e do repasse sem questionamentos e atitudes críticas. Apesar de todo o progresso científico, a Biblioteconomia e seus profissionais ainda teimam por manter a velha atitude de encarar o conhecimento como algo pronto a ser adquirido e reproduzido. Os profissionais bibliotecários em sua grande maioria fazem questão de ignorar que o conhecimento e, por conseguinte, a ciência é algo a ser construído e que só aprendemos realmente aquilo que usamos.

É preciso que os bibliotecários dirijam o seu trabalho no sentido da formação pessoal, ou seja, juntar ação e pensamento. É na dissociação, ação e pensamento, profissão e vida, conhecimento e afeto que a escola ideológica age.

Do raciocínio até aqui desenvolvido deriva a convicção de que não há espaço neutro para a nossa atuação. Há que cristalizar-se na consciência de cada um o compromisso com o segmento maior da sociedade que se encontra hoje à margem dos benefícios e das riquezas por ela criadas. Toda a atitude profissional do bibliotecário, deve, portanto estar comprometida na direção de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais real e, sobretudo, com mais respeito pela dignidade e individualidade de cada homem e de todos os homens.

Acredita-se, assim, que ao desenvolver o pensamento crítico e uma atitude comprometida, estar-se-á auxiliando nossos leitores a se equiparem de um instrumento de leitura do mundo e, a partir daí, ser capaz de levantar hipóteses sobre sua realidade, procurar as respostas para seus problemas e assim, poder contribuir para transformar seu mundo interior e exterior.

O caminho para a consciência crítica deve ser construído. E, por isso, conclui-se com Paulo Freire que nos mostra que esta construção «somente se dá com um processo educativo de conscientização e crítica».

This paper is a reflection about the influence of the dominant ideology in Library Sciences, and the attempt made by the professional to change this situation, contributing to the development of Library Science as an academic endeavor. It emphasizes the importance of the role of the library and librarians as social agents, who made Knowledge available to society and also as change agents towards a better society.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3. ed. Lisboa, Presença, 1980. 120 p.
2. ARAÚJO, Walkíria Toledo de. A Biblioteca Pública e o compromisso social do bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, 14(1):106-22, mar. 1975.
3. ASTI VERA, Armando. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre, Globo, 1973. 223 p.
4. BRUNETTI, Maria Isabel Santoro. Biblioteconomia brasileira — um problema dos bibliotecários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., Curitiba, 1979. **Anais. Curitiba, ABPr.**, 1979. v. I, p. 11-25.
5. BUNGE, Mário. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980. 135 p.
6. CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educação e Sociedade**, São Paulo, 2(5):24-40, jan. 1980.
7. ————. **O que é ideologia**. 15 ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. 125 p.
8. COSTA, Maria Neusa de Moraes. O bibliotecário e o contexto sócio-econômico. **Boletim ABDF. Nova Série**, Brasília, 8(2):106-10, abr./jun. 1985.

9. CUNHA, Murilo Bastos da. O papel do bibliotecário na sociedade brasileira. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, 7(1):7-26, mar. 1978.
10. MACHADO, Lia Zanotta. **Estado, escola e ideologia**. São Paulo, Brasiliense, 1983. 242 p.
11. MIRANDA, Antônio. A missão da Biblioteca Pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, 6(1):69-74, jan./jun. 1978.
12. PELLANDA, Nize Maria Campos. Ideologia: uma experiência didática. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 8(2):55-68, maio/ago. 1983.
13. TONELOTTO, Ana Ladislava et alii. **Diretrizes para elaboração de teses e dissertações**. Porto Alegre, UFRGS, Biblioteca Central, 1980. 75 p.
14. WERNECK, Vera Rudge. **A ideologia na educação; um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1984. 131 p.